

# O que está ao alcance de nossas mãos?

Ana Claudia Cardoso

---

CARDOSO, Ana Claudia. O que está ao alcance de nossas mãos?. *Thésis*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 19, e 571, jul. 2025

---

data de submissão: 04/07/2025

data de aceite: 04/07/2025

DOI: 10.51924/revthesis.2025.v10.571

HARAWAY, Donna. *Ficar com o problema: fazer parentes no Chthluceno*. São Paulo, n-1 edições, 2023.

**Ana Claudia CARDOSO** 

Universidade Federal do Pará, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo; acardoso@ufpa.br

---

**Contribuição de autoria:** Concepção; Redação – rascunho original; Redação - revisão e edição: CARDOSO, A. C.

---

**Conflitos de interesse:** A autora faz parte do comitê editorial.

---

**Financiamento:** Bolsa PQ CNPQ.

---

**Uso de I.A.:** A autora certifica que não houve uso de inteligência artificial na elaboração do texto.

---

**Editores responsáveis:** James Miyamoto e Isis Pitanga

---



**E**m tempos de refugiados climáticos, esquecemos de quantos refugiados a sociedade ocidental tem produzido de outras espécies, e de outras culturas nos últimos séculos. Para abordar esse tema, Donna Haraway, uma filósofa feminista bem humorada (Dolphijn, Spitzner, Head: 2023), mobiliza arte, ciência, ficção, fábulas, e outras possibilidades para ilustrar por meio de uma cama de gato multiespécies, um modo de pensar que ela chama de tentacular, que se diferencia das narrativas científicas e/ou mitológicas tradicionais por ser comprometido com a vida, com a vulnerabilidade e a morte no planeta. Assim é possível expor os desafios colocados às gerações presentes, intensificados desde a virada do século XXI.

Em uma leitura de “Ficar com o problema: fazer parentes no Chthluceno” (Haraway, 2023) os leitores deste número encontrarão inspiração para refletir sobre as posições assumidas hoje, seja por pessoas comuns, ativistas, cientistas ou profissionais, diante dos problemas levantados nesta edição da Revista *Thésis*. A obra foi publicada nos Estados Unidos em 2016, e traduzida para o português pela N-1Edições, com tradução de Ana Luiza Braga.

Em texto seminal escrito nos anos 1980 (Haraway, 1988), intitulado *Saberes Localizados*, Donna situou os sujeitos, para conseguir pensar a partir das suas individualidades e considerar todas as perspectivas possíveis de entrelaçamento. Desde então suas reflexões são uma contribuição para quem tem como ofício orientar tecnicamente a produção do espaço construído, seja a casa ou o espaço coletivo dos humanos, lembrando o quanto essas casas se entrelaçam com as casas de outras espécies (desde micróbios, abelhas, pássaros refugiados que perderam seus habitats, plantas e animais exóticos trazidos por colonizadores, e outras criações) em um planeta que é a casa para todos.

Em “Ficar com o problema”, Donna parte da ideia de viver e morrer na Terra, e enfrentar neste curso vulnerabilidades e riscos, mas reconhecendo que humanos estão sempre acompanhados - e cabe a cada pessoa decidir como será sua ação ou omissão, por exemplo, como protetora de outros seres ou agente de risco e morte. É importante também compreender que a morte no seu devir, e sob condições regulares, decompõe e alimenta o ecossistema.

Em um tempo em que a vida na Terra enfrenta níveis de destruição sem precedente, é preciso aprender a enfrentar a dor e o luto em um tempo espesso, para

criar um futuro possível, e impedir a tragédia. Mas não se trata de estabelecer uma relação com o futuro, e sim de agir no mundo, como um saber viver e também morrer, de ficar com o problema estando presente; de compreender as interrelações e desenvolver a responsabilidade, ou a habilidade de dar resposta (Haraway, 2023: 9) à emergência. Para isso a autora alerta que será necessário aprender a fazer parentescos estranhos (idem:10), em busca de um florescimento multiespécie, capaz de incluir humanos e alteridades não humanas em parentesco múltiplos, para que a vida, como a conhecemos, na Terra possa ter chances de seguir.

Considerando o interesse específico de campos disciplinares que lidam com o espaço, cabe destacar que ao tratar das espacialidades, a autora procura transcender as formulações correntes de centro e periferia, e dar maior importância às possibilidades de pontos de contato existentes nas bordas, como no jogo da cama de gato, que é evocado pelos fios da capa da edição brasileira, e nas fotografias e reproduções de obras de arte que mostram apenas mãos ou que mostram mãos e patas, lembrando as espécies companheiras, entre fios entrelaçados em ilustrações do primeiro capítulo do livro, dedicado a brincadeira com figuras de barbante com espécies companheiras.

Se não há alternativa a ficar com o problema, há de se construir linhas de ação para isso, e algumas formulações norteadoras como o pensamento tentacular, apresentado no segundo capítulo, e a simpoiese, apresentada no terceiro capítulo, se contrapõem às histórias, crenças e opiniões que tantas vezes orientam a ação humana no mundo. A obra argumenta que a filosofia ocidental não comporta os resultados de pesquisa das ciências naturais ou sociais, o que é compreensível ao se considerar a soma de organismos e ambientes que vem sendo destruídos ou não são lembrados nem considerados pelos herdeiros do pensamento ocidental.

Para Donna, esta época não poderia ser chamada de Antropoceno. Alternativamente, ela inventa um espaço-tempo capaz de expressar outras presenças e continuidades (Parente, Silva, 2023). Ela escolhe o nome de uma aranha, a *Pimoa Cthulhu*, habitante dos tocos nas florestas de sequoias da Califórnia, para nomear esse outro espaço-tempo, que foi, é, e talvez possa vir a ser: o Chthuluceno.

Nesta fabulação é possível considerar que os entrelaçamentos, redes, emaranhados e corporificações

co-existem, e são observados desde a microescala, onde uma miríade de seres vivos estabelece infinitas ligações que ainda nem compreendemos, até as células, que já podem ser vistas, os corpos de bichos, de humanos, ou mesmo as nuvens de tecnologia da informação, já que a autora não alimenta nenhuma tecnofobia, mas reconhece que as tecnologias atuais foram pensadas a partir das estórias do *Antropos* (Parente, Silva, 2023). Humanos, não-humanos, mais que humanos, são todos habitantes do mundo, e pontas da cama de gato (o jogo feito com barbante), são um recurso didático para expressar as possibilidades para se criar pontos de contato, usar padrões, construir trilhas ou rotas para o pensamento, com as próprias mãos.

A proposta do Chthuluceno lembra que nenhuma espécie pode estar em todos os lugares ao mesmo tempo (ou não deveríamos ver paisagens assemelhadas ou homogeneizadas pelos humanos). Por outro lado, a aranha é capaz de se reconectar com as profundezas da terra a partir de uma lógica tentacular. Descer às entranhas pode ajudar a diferenciar o que são ideias, corpos, excremento ou fertilizante, nas rotas da cama de gato. Quem pensa os pensamentos? Em quais relações eles estão envolvidos? Que versões de mundo mundificam? O que significa renunciar à capacidade de pensar?

O chamado Antropoceno é tempo de urgência para todas as espécies, inclusive a humana. Tempos de morte e extinção em massa, de desastres sucessivos, cujas especificidades imprevisíveis têm sido atendidas insensatamente como a própria incognoscibilidade, quando se desvia o olhar da catástrofe, e se recusa ao cultivo da responsabilidade (Haraway, 2023: 70-71). Os humanos estão implicados em cada fibra dos seus corpos neste processo, são cúmplices dele, quer saibam disso ou não, têm o padrão nas próprias mãos, e a questão é: estenderemos a mão para o outro humano e para as outras espécies em nossas formulações, proposições, projetos e ações?

Donna mobiliza muitos autores que influenciam sua narrativa. Dentre tantos, fala de Anne Tsing, e da sua etnografia da "acumulação selvagem" do "capitalismo fragmentário", que já não pode prometer o progresso, mas que ainda é capaz de ampliar a devastação (Tsing, 2005). Neste fio, oferece apoio para práticas e tipos de pensamento para aqueles que tenham a habilidade de viver em ruínas, enquanto lembra que é preciso ter o compromisso de se criarem condições para viver

e morrer com responsabilidade, e em companhia, ainda que se trate de uma companhia inesperada.

Com a ajuda de Thom van Dooren, filósofo da ecologia e etnógrafo multiespécie que estuda o viver em tempos de extinção, extermínio e recuperação parcial, na tentativa de impedir que nos tornemos insensíveis, Donna lembra que os humanos não têm o privilégio do luto, e por isso diz que pessoas pensantes precisam aprender a enlutar-se-com, conviver com a perda, compreender seu significado. A extinção é uma borda alargada, a morte lenta, de sujeitos reais, para todas as espécies. Com Bruno Latour, ela compartilha posições sobre como lidar com a ciência, em busca da compreensão sobre como o mundo é construído, para detectar a partir de que ponto passa-se da ciência para a cientificação, uma vez que todas as ciências são políticas. Como evitar as armadilhas do pensamento liberal e modernista?

É por tudo isso que, seguindo a tradição de Isabelle Stengers, Bruno Latour e dela própria (herdeiros de James Lovelock e William Golding), ela se compromete com a «ecologia das práticas e com a articulação mundana de agenciamentos que situam o trabalho e o jogo no imbróglio e na bagunça de viver e morrer» (Haraway, 2023:82). Diante disso, ela parte dos participantes (sujeitos) reais e de suas formas de aliança, para nutrir algo maior (isso se aplica ao arranjo entre as células ou entre colegas) que constitui o emaranhado da mundificação tentacular.

Dona Haraway (2023: 101) apresenta tais objeções ao Antropoceno (incluindo suas outras denominações como Plantationceno, Capitaloceno), enquanto ferramenta e narrativa de uma época:

“1. o sistema do mito associado ao Antropos é uma cilada, e suas histórias acabam mal. Mais, elas acabam em morte dupla; elas não são sobre a continuidade (...).

2. A espécie Homem [o Antropos] não faz a história.

3. A soma de Homem [Antropos] e Ferramenta não faz a história; essa é só a estória da História contada pelos excepcionalistas humanos.

4. A História deve dar lugar às geo-histórias, às histórias de Gaia, às histórias sinctônicas. Os terranos vivem e morrem tentacularmente em redes, entrelaçamentos e figuras de barbante multiespécies e simpoiéticas; os terranos não fazem a História.

5. O dispositivo social humano do Antropoceno tende à instabilidade e é propenso a burocracias. A revolta precisa de outras formas de ação e de outras estórias para consolo, inspiração e efetividade.

6. Apesar de sua dependência em ágeis modelagens computadorizadas e em teorias de sistema autopoieticos, o Antropoceno se baseia excessivamente em teorias de relações que deveriam ser “impensáveis”. Refiro-me aqui ao velho individualismo utilitarista delimitado, em que supostas unidades preexistentes, em relações de competição, sugam todo o ar da atmosfera (exceto, aparentemente, o dióxido de carbono).

7. As ciências do Antropoceno são excessivamente contidas em teorias de sistemas restritivas e nas teorias evolutivas chamadas de Síntese Moderna. Apesar de toda sua extraordinária importância, essas teorias se mostraram inábeis para se pensar bem sobre a simbiose, a simbiose, a simbiogênese, o desenvolvimento, as redes ecológicas e os micróbios. São problemas demais para uma teoria evolutiva adequada.

8. O termo Antropoceno tem mais sentido e utilidade para intelectuais de classes e regiões abastadas. Não se trata de um termo corriqueiro para descrever o clima, o tempo, a terra ou o cuidado com o território em vastas áreas do mundo, especialmente - mas não só - entre povos indígenas.”

Para escapar da ficção do Antropoceno, é preciso refutar o princípio da autopoiese, pois nada se faz sozinho, e para isso Donna propõe a simpoiese, que significa fazer-com. Apoia-se na formulação de simbiogênese de Lynn Margulius, para destacar a possibilidade da evolução coletiva, incorporando inclusive as ferramentas ciborguianas das revoluções biológicas e moleculares e ultraestruturais da genética, desenvolvidas no final do século XX. Ao entrelaçar ciências e artes, apresenta exemplos de interações, como o de uma orquídea e abelhas, para indicar o quanto a ação humana induziu mutações, com as assimetrias que criou na ecologia (bem ilustrada pela tirinha de Randal Munroe que fala extinção iminente de orquídeas que se mimetizam como abelhas fêmeas para atrair abelhas macho que já estão extintas), e explora situações que explicitam a necessidade de uma cosmopolítica, para que se aprenda (de novo) a ser menos mortífero, mais sensível, e inventivo em um planeta multiespécies.

O livro é rico em exemplos de interação e comunicação multiespécies. No quarto capítulo a autora apela para que os humanos resignifiquem o sentido de parentesco ampliando-o a outras espécies com a frase: “façamos parentes, não bebês! (p. 206). No quinto capítulo a autora associa o parentesco inclusive aos ciborgues, máquinas situadas historicamente, sistemas, organismos vivos e não vivos, ou todas as espécies que são inundadas pelos hormônios que alcançam as águas através de urina de quem deseja mais conforto no envelhecimento. No sexto capítulo a autora especula sobre formas de resemear o mundo, para prevenir o assassinato do planeta, começando por reconhecer

as estratégias evolutivas vegetais, simbiogênicas com insetos por exemplo, para viver e morrer bem. A autora propõe uma prática da curiosidade para observar situações no sétimo capítulo e coroa a obra com as Estórias de Camille, uma personagem não humana, no oitavo e último capítulo do livro, dedicado ao relato de cinco gerações da personagem, entre 2025 e 2425. As estórias demonstram que todos os problemas criados até hoje demorarão séculos para serem contornados, mesmo diante do firme propósito de operação colaborativa, em comunidades de composto constituídas em simbiose com as espécies mais vulneráveis, após grande redução da população de humanos. As estórias ilustram espirais de retorno em direção às mundificações que eram pensadas possíveis antes do Capitaloceno.

O livro, desse modo, inspira interdisciplinaridade, sensibilidade para a complexidade, perspectivas nada antropocêntricas, patriarcais ou autoritárias, e coloca o leitor face ao mundo real, impedindo o escape para abstrações idealizadas e simplificadoras, que têm sido correntes, por exemplo, na formação profissional ligada à produção do espaço. Sua argumentação é um convite para reimaginar cidades e habitats, atravessando o trabalho de arquitetos urbanistas, paisagistas, e outros profissionais e ajudando-os a produzir espaços reais e virtuais, habitats, cidades, menos dicotômicos ou enviesados pelo capital. Que no século XXI a consciência dos múltiplos entrelaçamentos do jogo da “cama de gato” faça com que a ação seja movida pela responsabilidade de viver em um mundo multiespécies.

### Referências:

DOLPHIJN, Rick; SPITZNER, Caroline; HEAD, Scott Correll. Ficando com o Problema – Entrevista com Donna Haraway. *Ilha – Revista de Antropologia*, Florianópolis, v. 25, n. 3, e96024, p. 107-115, setembro de 2023.

HARAWAY, Donna. Situated Knowledges: the science question in feminism and the privilege of partial perspective. *Feminist Studies*, [s.l.], v. 14, n. 3, p. 575, 1988. DOI: <http://dx.doi.org/10.2307/3178066>.

HARAWAY, Donna. *Ficar com o problema: fazer parentes do Chthluceno*; traduzido por Ana Luiza Braga. São Paulo : n-1 edições, 2023, 364 p.

TSING, Anna. *Friction: An Ethnography of Global Connection*. Princeton: Princeton University Press, 2005.